

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

SINOPSE

Um dia o pai de Murilo avisou que iria para São Paulo e que o levaria junto com ele. O menino morava no interior, em uma comunidade rural chamada Vida Nova, e nunca havia saído de lá. Logo virou a atração na escola, pois seria o primeiro a conhecer a metrópole. Chegando a São Paulo, os dois pegaram o metrô para irem até a casa do tio de Murilo, que morava na cidade, mas o garoto acabou se perdendo do pai. O divertido passeio transformou-se em uma grande aflição. Murilo então conhece um lado perverso do mundo: o da exclusão de meninos como ele.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em Campanário, Minas Gerais, em 1949. Aos dez anos, fui morar em Campo Formoso, na Bahia. Nessa época, num final de tarde, meu pai e eu cavalgávamos pelo vale de Bananeiras, um vilarejo no sertão baiano. Ali, eu disse a ele:

— Um dia vou-me embora deste lugar.

Meu pai olhou para mim sabendo que sim — sim, um dia o filho iria embora.

— Sei disso — ele disse. — Na sua idade eu também pensava assim.

Eu ia completar onze anos.

— Vou ser escritor — eu disse com a maior naturalidade, como se fosse a mais fácil e normal profissão do mundo.

Confesso que realizei o sonho: escrevo desde 1970, quando vim morar em São Paulo. Gosto de narrar histórias que poderiam ter acontecido comigo quando criança, como se perder numa cidade grande, e que mostrem um pouco do mundo real do nosso país.

Em tempo: tenho dois filhos, Fernando e Lucas. Desde pequenos, são eles os meus primeiros — e mais fiéis — leitores.

FICHA TÉCNICA

Ilustradora: Lúcia Brandão

Formato: 18 x 26 cm

Número de páginas: 56

Coleção: *Hora viva*

ISBN: 978-85-385-2732-9

Indicação: A partir de 9 anos

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Inicie o trabalho apresentando o livro aos alunos e fazendo uma leitura da capa e do título. Motive-os a lançar hipóteses sobre a história, fazendo algumas perguntas: Viagem ao outro lado do mundo? Como isso pode ser interpretado? Amplie a discussão, questionando se há muitos “lados” no mundo. Alguém vai viajar para o outro lado do mundo? Será algum dos meninos presentes na ilustração? É possível imaginar onde esses meninos estão e para onde vão? Comente que viajar ao outro lado do mundo pode significar deparar-se com o desconhecido, o novo e o diferente.

DURANTE A LEITURA

1. Dois mundos bastante distintos, embora geograficamente próximos, são retratados ao longo da viagem do personagem Murilo, desde os acontecimentos que precedem a aventura até o retorno do menino à sua cidade de origem. Proponha uma busca, no texto, de elementos que demonstrem o quão bem Murilo conhece a região em que mora. A partir das descrições que ele faz do povoado Vida Nova, o que é possível inferir sobre a forma como ele se relaciona com o ambiente no qual foi criado?

2. Converse com a turma sobre a família do garoto, como são e o que fazem seus pais, de que maneira se relacionam com o filho e como este se sente em relação a eles. Explore a rotina de Raul, suas atividades, o vínculo forte que mantém com a natureza, os cuidados que recebe da família e, sobretudo, da mãe.

3. Em meio à tranquilidade do dia a dia em Vida Nova, algo novo acontece: Murilo fará uma viagem a São Paulo com seu pai. No contexto da narrativa, por que esta viagem representa algo grandioso? Discuta com a turma que a ida à metrópole significa uma experiência muito diferente, já que as diferenças entre Vida Nova e São Paulo são enormes.

4. Releia o último parágrafo da página 19 e instigue os alunos a se colocar no lugar de Murilo, imaginando seus sentimentos e expectativas em relação ao que vai encontrar. Como ele estava na véspera de sua viagem? Na opinião dos leitores, a perspectiva de passear em uma cidade muito maior do que aquela na qual se mora “dá um frio na barriga”? É interessante? Converse sobre o assunto, levando-os a entender que o garoto estava excitado, mas também apreensivo, com a ideia de ir a São Paulo.

5. Em contraste com Vida Nova, como é descrita a grande cidade? Chame atenção para o que faz com que ela seja encarada por Murilo como “o outro lado do mundo”, aproveitando para resgatar questões que tenham vindo à tona na etapa de Preparação para a leitura. Há diferentes pontos de vista que podem ser enfocados, a fim de se discutir as visões de mundo reveladas nas falas do pai, da professora e do colega Luiz Carlos.

Dona Urânia, por exemplo, chama a cidade de metrópole, apontando seu tamanho, agitação e problemas sociais. Mencione o surgimento e o desenvolvimento das favelas, a industrialização, o trânsito, a poluição, etc. Outro ponto de vista é manifestado por Luiz Carlos, o colega de Murilo. Embora não conheça São Paulo, que conselho ele dá ao amigo que

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

viajará? Isso revela que imagem da cidade? Destaque que a atenção do garoto se volta para o Corinthians, sugerindo que a passagem pelo estádio é um marco na vida de um menino. Analise, então, a diferença entre a visão do adulto e a da criança, evidenciando a escolaridade e a experiência de Dona Urânia. A partir da influência da opinião de outros, qual é, então, a expectativa de Murilo? Na p. 19, o garoto afirma que seus “pensamentos pareciam perdidos em ruas cheias de gente e prédios”. Essa impressão se confirma após a chegada em São Paulo?

6. Caracterize o perfil de Murilo, o menino ingênuo que se perde na metrópole. Embora tenha 8 anos, que postura ele assume quando se dá conta de que está longe do pai? Comente a atitude de espera - ele admite o desencontro, mas está confiante de que, se esperar pelo próximo trem, o pai aparecerá. No entanto, apesar dessa esperança, as lágrimas vêm à tona (p. 32, 33). Que atitude os leitores teriam diante de situação semelhante? Por quê?

7. Explore com o grupo os acontecimentos que assinalam o início do conflito na narrativa, a separação entre pai e filho, perguntando quando e onde este acontece (p. 29, 30). Trabalhe o episódio que desencadeia a aventura pelo “outro lado do mundo” e que possibilita o contato com o diferente, seja este o espaço ou a vivência dos que nele habitam. Peça aos alunos que identifiquem as dificuldades pelas quais o menino passa, chamando atenção para a caracterização do movimento frenético da cidade grande: o tamanho da estação, a quantidade de pessoas tomando trens, a agitação e a aglomeração típica dos grandes centros. Pergunte à classe se alguém já teve experiência semelhante e como se sentiu em meio a este ambiente.

8. Ao se perder na estação de metrô, um menino desconhecido se oferece para ajudar Murilo. Que reação ele tem? Como sua esperança é reavivada? Indague que sentimentos entram em conflito nessa situação - esperança, medo, abandono, desconfiança, etc. - e a razão de eles virem à tona. Para onde o garoto leva Murilo? Como era este lugar? Promova uma discussão sobre o espaço que Murilo encontra e o fato de ali estarem morando crianças em condições tão radicalmente distintas daquelas em que vive o menino, protegido por sua família, em seu lar no povoado Vida Nova.

9. Analise com a classe o perfil dos meninos de rua, crianças sem moradia, sem alimento, sem roupas, sem escolaridade, sem oportunidades; em suma, conforme sugerido pelo título do capítulo, “Crianças longe de casa”. Contraste o comportamento de Murilo com o de Barriga e dos garotos que dividem o espaço no túnel. Leve os alunos a perceber que algumas características os tornam semelhantes (o fato de serem crianças, de estarem desamparados e longe de seus pais), e outras os tornam muito diferentes (Murilo está perdido, mas faz parte de uma família estruturada, frequenta a escola, onde tem vários colegas, sua camisa é nova e foi dada pela mãe para que ele viajasse com o pai, etc.). Peça que os leitores comparem a realidade de Murilo e a dessas crianças: pode-se afirmar que os meninos simbolizam lados diferentes de um mesmo mundo?

10. Por que o personagem Cabeção ri de Murilo, chama-o de “bobão” e repete suas palavras, como se não as conhecesse ou entendesse? Há, de fato, graça no que foi dito? De que modo tais diálogos e o convívio entre os meninos revelam dois lados do mundo tão distantes, ainda que tão próximos? Exponha os diferentes pontos de vista revelados na fala dos meninos de rua e no modo como enxergam e descrevem o recém-chegado - os garotos ridicularizam sua relação com a mãe, acham que ele não reencontrará a família, desdenham da escola e dos

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

colegas. Por que os companheiros de Barriga reagem assim? Reflita com os alunos sobre a desesperança com que essas crianças olham para a vida: a falta de oportunidades e de cuidado, juntamente com a dureza do abandono nas ruas faz com que elas, talvez num movimento de defesa, façam chacota das condições de que Murilo desfruta.

11. Barriga sabe onde sua família está, mas não a procura e nem mora com ela. Motive os leitores a imaginar o porquê de o garoto estar nas ruas, em vez de estar em casa, com sua família. Embora se virasse sozinho e tenha servido de protetor de Murilo, Barriga tinha sua personalidade bem definida? Discuta sua preocupação de se afirmar como alguém que não é bonzinho, mas que faz um favor por ver em Murilo a figura de seu irmão (p. 39). Que contraste Barriga estabelece entre si e seu irmão?

12. Trabalhe com o grupo a maneira como o conflito foi solucionado, ressaltando a atitude de Barriga ao prometer que levaria Murilo de volta a seu pai. Releia o início do capítulo 8, para marcar a caracterização do menino: “Tem gente que tem palavra. Tem gente que não tem palavra. O Barriga tinha.” Explore este aspecto da personalidade de um menino de rua, frequentemente marginalizado e vítima de descrédito. Comente também o fato de um ter suprido alguma necessidade do outro, dentro de suas limitações e circunstâncias. Murilo voltou para casa e Barriga teve a chance de repensar seu relacionamento familiar. Converse com a turma sobre a aproximação que acontece entre os dois garotos, unidos pela adversidade: apesar de não querer ser taxado de “bonzinho”, Barriga ajuda Murilo a encontrar seu pai, ou seja, ele acaba por fazer algo de bom. É possível discutir uma relativização de conceitos: o garoto de rua, a despeito da aparência e do discurso radical, se compadece do menino ingênuo, perdido no “mar” de gente de São Paulo. Há uma ruptura, mesmo que momentânea, da dureza de Barriga.

13. Murilo afirma que, após a experiência na cidade grande, ele era outro (p. 53). Indague a mudança operada em alguém após expandir seu conhecimento do que há além do lugar onde mora e das pessoas com quem diariamente convive. Deparar-se com o diferente e conviver com o outro possibilitam uma melhor percepção de si mesmo? Releia a passagem em que o personagem Murilo descreve seu sentimento quando retorna à sua cidade e reencontra sua família e amigos, salientando o caráter poético dessa descrição, construída a partir da ligação que o menino tem com a natureza do lugar e o significado que ela tem para ele.

14. Convide os leitores a percorrerem detidamente as ilustrações, comparando o cenário de Vida Nova com o de São Paulo. Vida Nova é colorida, predomina o verde próximo ao riacho - lugar preferido de Murilo -, destacado pela calma e pelo contato com a natureza. No início, é a chuva que escurece o cenário, mas a pequena cidade se revela cheia de vida, embora sua população seja significativamente menor. Contraste os espaços, identificando dois lados distintos de um mesmo mundo, também nas figuras que o compõem. Como o trabalho com cor e luz revela o acolhimento que cada espaço confere aos seus habitantes ou visitantes? Na caracterização da metrópole, analise a predominância de tons opacos, de cinza e de bege. Não há individualidade ou rostos definidos daqueles que passam pelas ruas, apenas esboços da agitação que toma a metrópole.

DEPOIS DA LEITURA

1. São Paulo revela um mundo novo, caracterizado pela multidão que o ocupa. Leia a ilustração da estação repleta de rostos não individualizados (p. 26) em conjunto com a tela

VIAGEM AO OUTRO LADO DO MUNDO



Roniwalter Jatobá

Operários, de Tarsila do Amaral. A disposição das diversas faces na ilustração e na pintura se parece, bem como a visão da cidade grande como espaço tomado por agitação e confusão. Na ilustração da obra, Ananias e Murilo se perdem um do outro no meio da multidão. Leia a epígrafe de Ferreira Gullar na p. 3 e peça que os alunos a relacionem com o quadro de Tarsila do Amaral e com as imagens e descrições da cidade presentes na obra. Esse amontoado de gente se distingue? Por que as pessoas não têm terra? Que dizer dos moradores de Vida Nova?

2. Viajar ao outro lado do mundo envolve descobrir o diferente, podendo este estar próximo ou distante. Sob uma perspectiva semelhante, a obra de Julio Verne, Viagem ao centro da terra, apresenta um pesquisador, seu sobrinho e um guia local em uma viagem repleta de aventuras em direção ao centro da terra. Assim como Murilo, seu contato com um mundo novo revela uma percepção das pessoas até então desconhecida, ou limitada a informações fornecidas por outros, tais como as da professora ou as do geólogo que precedeu Axel e seu tio. Além da semelhança do título e da construção do enredo, Axel se perde, assim como Murilo, tendo de enfrentar o diferente sozinho. Contudo, ambos se reencontram com o grupo e retornam ao seu lugar de origem.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Elis Carrijo Guimarães